

PEQUIM, KIEV E ORMUZ: UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

De Kiev a Ormuz, as crises globais não são eventos isolados, mas sintomas de uma transição sistêmica: o colapso da ordem unipolar e a ascensão de um mundo multipolar. Neste novo tabuleiro, a soberania exige clareza estratégica, não alinhamentos automáticos.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A atenção pública tende a se concentrar em eventos imediatos. Um ataque russo a Kiev, o ataque ucraniano a São Petersburgo, uma nova crise no Estreito de Ormuz ou uma reunião diplomática em Pequim parecem episódios independentes e desconexos. No entanto, vistos de uma perspectiva estratégica mais ampla, todos fazem parte do mesmo fenômeno histórico: a transição da ordem internacional unipolar que emergiu após a Guerra Fria para um sistema multipolar ainda em construção.

Nas últimas semanas, três eventos capturaram a atenção internacional. O primeiro foi a visita do presidente dos EUA, Donald Trump, a Pequim e o subsequente encontro entre Xi Jinping e Vladimir Putin. O segundo foi a escalada militar na Ucrânia, marcada por ataques russos a Kiev e ataques com drones ucranianos em São Petersburgo, além do reaparecimento dos mísseis hipersônicos Oreshnik. O terceiro foi a persistente instabilidade no Golfo Pérsico e a ameaça latente ao Estreito de Ormuz, um dos principais pontos de estrangulamento energético do mundo.

RELAÇÃO MOSCOU-PEQUIM

À primeira vista, esses eventos podem parecer distintos. Não são.

A cúpula de Pequim revelou uma realidade que muitos observadores ainda resistem a aceitar. A China não age mais como uma potência emergente que aspira a entrar no sistema internacional vigente. Ela se comporta como uma potência que começa a moldá-lo. Seu peso industrial, tecnológico, financeiro e comercial permite que ela projete uma influência global que poucos países conseguem igualar.

Nesse contexto, a relação estratégica entre Moscou e Pequim adquire importância decisiva. Além das diferenças históricas ou dos interesses particulares de cada ator, ambos compartilham uma visão comum: a necessidade de substituir a ordem unipolar dominada pelos Estados Unidos por uma arquitetura internacional mais distribuída.

OUTRA DIMENSÃO

Enquanto isso, outra dimensão do problema se desenvolve na Europa.

A guerra na Ucrânia não deve ser interpretada apenas como um conflito territorial. Ela também constitui a manifestação mais recente de uma fratura histórica muito mais profunda: a separação entre a Europa e a Rússia.

Durante séculos, a Rússia fez parte da história europeia, embora sempre ocupando uma posição singular. Nem totalmente ocidental nem completamente oriental, a Europa desenvolveu sua própria identidade baseada em uma combinação de tradição imperial, espiritualidade ortodoxa e consciência civilizacional. Essa tensão entre pertencimento e diferença marcou toda a história do continente.

A Guerra Fria transformou essa fronteira cultural em uma barreira política. O colapso soviético pareceu oferecer uma oportunidade para reconstruir pontes. No entanto, a crise ucraniana acabou reforçando um muro entre as duas partes da Europa.

Hoje, testemunhamos uma situação paradoxal. A Europa e a Rússia continuam a pertencer ao mesmo espaço histórico e cultural, mas atuam como adversárias estratégicas. O resultado é um continente cada vez mais fragmentado e dependente de dinâmicas externas.

ESCALADA MILITAR

A recente escalada militar confirma essa tendência. Na semana passada, o ataque ucraniano à residência estudantil em Starobelsk, Donbass, que Kiev classificou como notícia falsa (embora os vídeos sejam inequívocos), deixou 21 estudantes mortos. Segundo os russos, o ataque foi realizado utilizando a técnica do “duplo ataque” (uma tática terrorista que consiste em atacar

primeiro um alvo civil e, em seguida, lançar um segundo ataque para maximizar as baixas devido à presença de equipes de resgate, bombeiros e espectadores, além de garantir cobertura da mídia). O ataque enfureceu Putin, que não pôde ignorar a indignação pública. Ele anunciou uma resposta dura, alertando estrangeiros para deixarem Kiev e moradores da capital para se manterem afastados de alvos estratégicos. No entanto, essa resposta dura está sendo adiada: ou a estratégia foi reconsiderada, o que é improvável, ou estão selecionando alvos e preparando planos de ataque.

Alguns dias depois, um drone caiu em um prédio em Galati, na Romênia, ferindo duas pessoas. O ataque foi atribuído à Rússia, apesar da explicação do presidente romeno de que o drone visava alvos ucranianos em Odessa e que, após ser atingido por artilharia antiaérea, foi desviado para território romeno. Os ataques russos a Kiev, incluindo o uso de capacidades hipersônicas avançadas, têm uma dimensão que transcende o campo de batalha. Eles não visam apenas destruir alvos militares. Transmitem também mensagens políticas, psicológicas e estratégicas.

Em seguida, ocorreu o ataque ucraniano a São Petersburgo. Para Scott Ritter e Douglas Macgregor, os ataques ucranianos de longo alcance a São Petersburgo representam uma perigosa escalada da OTAN em território russo, argumentando que a Ucrânia não possui tecnologia independente para coordenar incursões a mais de 1.100 km de suas fronteiras. Ambos os analistas sustentam que essas operações dependem diretamente da inteligência ocidental, de satélites e de assistência técnica, transformando a situação em um confronto direto entre potências. Enquanto Macgregor aponta que o impacto militar é limitado e não altera a superioridade industrial da Rússia na frente de batalha, Ritter alerta que cruzar essas linhas vermelhas estratégicas apenas endurece a posição de Moscou e aprofunda uma guerra de desgaste com consequências imprevisíveis.

NÉVOA DA GUERRA 2.0

A guerra contemporânea não é mais travada exclusivamente em terra, mar, ar ou espaço. Ela se desenrola igualmente no domínio cognitivo, onde a percepção pública, a informação e as narrativas competem para moldar a realidade política. É a isso que chamamos de Névoa da Guerra 2.0.

As imagens divulgadas pelos diversos atores, os números contraditórios sobre danos e vítimas, as campanhas de informação e as operações psicológicas fazem parte do mesmo conflito. A batalha pela percepção tornou-se uma dimensão tão importante quanto a batalha pelo território.

Mas existe um cenário ainda mais perigoso.

Enquanto os holofotes permanecem sobre a Ucrânia, o Golfo Pérsico continua a acumular

tensões. O Estreito de Ormuz permanece um dos principais centros nevrálgicos da economia global. Uma interrupção prolongada do tráfego de energia teria consequências econômicas globais imediatas.

A importância estratégica de Ormuz nos lembra de uma verdade frequentemente esquecida: as grandes potências não competem apenas por territórios, mas também por rotas, recursos e nós críticos da globalização. Nesse sentido, a Ucrânia e Ormuz fazem parte da mesma disputa pelo controle de espaços estratégicos fundamentais.

O que estamos testemunhando atualmente não é uma série de crises isoladas. É uma transição sistêmica.

Os Estados Unidos estão tentando preservar uma ordem internacional construída ao longo de décadas. A China busca gerenciar a ascensão da Eurásia e consolidar sua posição como potência central no novo sistema. A Rússia busca garantir sua segurança estratégica e recuperar influência em sua periferia histórica. A Europa, por sua vez, enfrenta o desafio de redefinir seu lugar em um mundo onde não ocupa mais o centro de gravidade global.

NOVA ORDEM MUNDIAL

A questão fundamental não é mais quem vencerá uma batalha específica na Ucrânia ou o que acontecerá amanhã no Estreito de Ormuz. A verdadeira questão é determinar qual arquitetura internacional emergirá dessa transformação. Pequim, Kiev e Ormuz são apenas três etapas diferentes da mesma luta histórica: a construção da ordem mundial que dominará o século XXI.

E quanto ao nosso país?¹

Enquanto o mundo debate entre Washington, Pequim, Moscou, Bruxelas e Teerã, a questão estratégica da Argentina permanece essencialmente a mesma que foi colocada pelas gerações que construíram a nação: Qual é o nosso interesse nacional? Em uma era marcada pela transição para uma ordem multipolar, a verdadeira discussão não é sobre a escolha de uma potência dominante, mas sobre a recuperação da capacidade de pensar e agir como uma comunidade política soberana.

O século XXI não exige alinhamentos automáticos. Exige clareza estratégica e coragem nacional.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

1 O autor é nascido e vive na Argentina, e as observações são válidas para o Brasil.